

A representação do jovem universitário na mídia audiovisual¹

Isabella Santos LANAVE²

Celina ALVETTI³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar a imagem que a mídia audiovisual cinema constrói do jovem universitário, verificando como ele é representado em filmes produzidos no Brasil e nos Estados Unidos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica e pesquisa quali-quantitativa por meio de análise de conteúdo. Constata-se que os filmes mais vistos pelos jovens no Brasil são as grandes produções estrangeiras, notadamente as da indústria hollywoodiana. Nos filmes dos Estados Unidos, o jovem é representado através de situações inusitadas e praticamente impossíveis de serem alcançadas por um estudante comum. Por sua vez, a imagem do jovem brasileiro que está na universidade, nos filmes produzidos no Brasil, é de um jovem problemático, morador das favelas brasileiras e com dificuldades para construir a própria vida. Além disso, é possível concluir que o cinema contemporâneo, além de ser um importante meio de compartilhamento cultural, é também um replicador de imaginários para e sobre a juventude.

Palavras-chave: Cinema; jovem; imaginário; Hollywood.

O presente artigo, A representação do Jovem Universitário na Mídia Audiovisual, realizado com base em uma pesquisa científica concluída em 2014 e estruturado a partir do projeto do orientador, “Urbanidad: o jovem como sujeito – perspectivas de representação e consumo na mídia”, busca compreender como o imaginário do ser jovem vem sendo construído através das relações entre os produtos culturais e a mídia audiovisual.

Para isso, propõe-se a verificar como o jovem universitário de 18 a 24 anos é representado em filmes produzidos no Brasil e nos Estados Unidos, de 2006 a 2013. Entende-se a fase juvenil como o período de transição para a fase adulta, em que as responsabilidades começam a surgir e junto, a necessidade de se pensar no futuro.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Projeto de Iniciação científica desenvolvido na área estratégica Juventudes, da PUCPR.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: isabella_lanave@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: celina.alvetti@pucpr.br

A forma de retratar as mudanças sociais foram se alterando, ao mesmo tempo em que transformações sociais aconteceram. Junto a isso, os produtos culturais se tornam cada vez mais importantes mecanismos de representação da sociedade. Entre outros aspectos, é a partir deles que se desenvolvem novas ideias de identidade e hábitos sociais. Em particular o audiovisual, como a televisão e o cinema, que possuem um modo peculiar de influenciar as opiniões e os modos de vida dos jovens. Entretanto, a mídia nem sempre se aproxima do cotidiano desse jovem de forma realista.

Por sua vez o cinema vem, ao longo do tempo, ajudando a construir o imaginário da juventude; principalmente o cinema produzido em Hollywood, que aborda o universo jovem, difunde modelos de comportamento para diferentes receptores do mundo inteiro.

É assim que o rebelde representado em *Juventude Transviada* (1955, de Nicholas Ray), torna a figura de James Dean emblemática – desajustada, em crise de identidade. Algumas imagens, como essa, mais representativas de determinadas décadas, estendem sua influência para outras épocas.

Além do jovem rebelde aparecem, na tradição do cinema homogêneo dos Estados Unidos, o engajado de *Hair* (1979, de Milos Forman), o angustiado com o futuro de *O primeiro ano do resto de nossas vidas* (1985, de Joel Schumacher) e o recente empreendedor de *A rede social* (2010, de David Fincher).

Em um olhar panorâmico para o cinema brasileiro, é constatada a imagem predominante de um jovem de classe pobre, optando entre duas trajetórias, a do crime ou a da legalidade. Uma que leva à exclusão e outra que, da mesma maneira, não lhe traz um sentimento de pertencimento.

Diante desse cenário, o artigo pretende identificar a imagem que a mídia audiovisual cinema constrói do jovem universitário, verificando como esse mesmo jovem, de 18 a 24 anos, é representado em filmes produzidos no Brasil e filmes realizados nos Estados Unidos, de 2006 a 2013.

Os procedimentos metodológicos foram pesquisas bibliográficas fundamentada em Stuart Hall, com o livro *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*, importante para compreender questões sobre o sujeito contemporâneo; iluminista, sociológico e pós-moderno.

Nestor Garcia Canclini, com *Consumidores E Cidadãos – Conflitos Multiculturais Da Globalização*, importante para perceber que os meios de comunicação de massa e o consumo de bens são a base das respostas para as perguntas de cidadãos e não mais as regras abstratas da democracia ou da participação coletiva em espaços públicos. O que reflete diretamente na mídia audiovisual.

E Silvia Borelli, com *Culturas Juvenis No Século XXI*, que mostra as transformações no modo de ser jovem no início deste século, a articulação destes com as mídias e com as inovações da área de tecnologia da informação e comunicação. Para a pesquisa relevante para entender como o jovem é protagonista de grande parte dessas transformações, que além de revolucionarem o modo como as pessoas se relacionam e vivem, é importante para o desenvolvimento das novas sensibilidades juvenis.

Foi desenvolvida também a pesquisa quali quantitativa, por meio da análise de conteúdo, com base em Duarte (2005): Pré Análise, Exploração do Material e Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Para o levantamento dos títulos dos filmes, entre outras fontes, foram consultadas diferentes bases de dados, disponíveis online, como Imdb e Filmeb. Além disso, leituras orientadas com abrangência das seguintes áreas: jovem, imaginário, Estudos Culturais e questões como a interferência do cinema na vida moderna, a influência da mídia, a indústria norte-americana de filmes, o cinema de Hollywood e a produção brasileira fizeram parte dos procedimentos da pesquisa.

Para a análise de conteúdo foram mapeados os filmes produzidos nos Estados Unidos e no Brasil no período entre 2006 a 2013, que apresentassem personagens de jovens universitários, com idades sugeridas entre 18 e 24 anos e que fossem centro da narrativa. Observe-se que, no projeto inicial, a delimitação partia de 2009. No entanto, no processo, houve a necessidade de recuar no tempo, até encontrar um filme considerado pertinente para o proposto neste trabalho, conforme se reitera em 3.3.

No caso da produção dos Estados Unidos, o recorte foi feito a partir do denominado cinema hollywoodiano, ou seja, a produção mais homogênea, de largo alcance junto ao público jovem. Optou-se por esta classe de filme considerando que, pelas duas características, é a que mais tem capacidade de difundir práticas como as relacionadas ao cotidiano acadêmico

e influenciar quanto a modos de vida. Em relação ao cinema brasileiro, o recorte foi apenas temporal.

O critério de seleção foi temático, relativo ao personagem e ao seu cotidiano, e numérico, segundo dados da Ancine relativo aos filmes com maiores bilheteiras no Brasil, no período proposto pela pesquisa, inicialmente entre 2009 e 2013. A Rede Social (David Fincher, 2010), foi o primeiro escolhido. Entretanto, após uma análise na produção brasileira, não foi identificado nenhum filme que se adequasse ao critério de seleção, sendo necessário recuar no tempo, até 2006, ano da produção de Proibido Proibir (Jorge Durán, 2006), na qual os personagens se encaixavam melhor no perfil do jovem universitário procurado pela pesquisa.

Influências Externas

Segundo dados da Ancine, foram lançados no Brasil e nos Estados Unidos, no período entre 2006 e 2013, 695 e 1524 filmes, respectivamente. Com isso, é interessante observar que, dentre os filmes mais vistos pela população brasileira, no mesmo período, estão as grandes produções hollywoodianas, como Avatar (2009), Homem de Ferro (2013) e 007: Operação Skyfall (2012).

O número de filmes brasileiros lançados no país é muito distante do número dos EUA e, paralelamente, o gosto e a aceitação da população brasileira se demonstra muito mais adepta às grandes e numerosas produções.

| BRASIL | Filmes Lançados | EUA | Filmes Lançados |
|--------|-----------------|------|-----------------|
| 2013 | 127 | 2013 | 168 |
| 2012 | 83 | 2012 | 133 |
| 2011 | 100 | 2011 | 144 |
| 2010 | 74 | 2010 | 149 |
| 2009 | 84 | 2009 | 144 |
| 2008 | 79 | 2008 | 245 |
| 2007 | 78 | 2007 | 278 |
| 2006 | 70 | 2006 | 263 |

Tabela 1. Dados disponíveis no site da Ancine: <http://www.ancine.gov.br/>

O cinema hollywoodiano, segundo Nogueira (2001, p.67), possui regras muito explícitas: “a) não se produzirão filmes contra os princípios morais do público, b) serão apresentados

modelos corretos de vida, sujeitos apenas ao drama e ao entretenimento, c) a lei não será ridicularizada nem poderá despertar simpatia por sua violação” Identificar a imagem que a mídia audiovisual cinema constrói do jovem universitário.

A linguagem e a estética desse cinema prezam por mostrar o modo de vida do norte-americano, o que sugere uma postura de colonizador tanto do ponto de vista cultural como econômico, pois o seu produto é distribuído e visto em todo o mundo, dando abertura para que possa criar e produzir sentidos em diferentes culturas. Os filmes colocam as histórias em circulação como se fossem as melhores e mais verdadeiras maneiras de viver ou agir, deixando tudo o que foge desse padrão Hollywoodiano como excêntrico, exótico e anormal.

Ou seja, são apresentados jovens com excelentes condições de vida, em grandes universidades, com carreiras promissoras pela frente. Fazendo com que exista uma identificação, mesmo de pessoas que vivem em realidades diferentes, com essa imagem passada. Tanto pela maneira como ela é imposta, como pelo desejo natural dos jovens que assistem.

Diferente da produção brasileira, onde o diálogo com os jovens e o reconhecimento dos mesmos na tela é um dos desafios dos diretores nacionais. Há algumas tentativas, como em *Cazuza – O Tempo não Para* (2004), de Walter Carvalho e Sandra Werneck, com cerca de 3 milhões de espectadores ao trazer um símbolo da música nacional para às telas. E outras que apesar de ter elementos que pudessem atrair os jovens, atingiu um público abaixo do esperado, como *O Magnata* (2007) de Johnny Araújo.

É possível que a falta de filmes para jovens no Brasil prejudique a aceitação do cinema brasileiro quando estes jovens chegam à vida adulta, já que se acostumaram ao cinema feito em Hollywood (NORONHA, 2009). Para Hall (2001, p.74), “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”.

Análise dos filmes

Em concepção ampla, Análise de Conteúdo (DUARTE, 2005) é um método das ciências humanas e sociais para a investigação de fenômenos simbólicos por meio de técnicas de

pesquisa, que são utilizados para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo. A análise a seguir segue as etapas do método adotado.

A Rede Social

A Rede Social é um filme sobre um jovem universitário que, após criar uma rede na internet, se torna um dos maiores milionários do mundo. Esse rapaz se chama Mark Zuckerberg e é dono do Facebook, a rede social mais acessada em quase todos os países. Segundo pesquisa da Serasa Experian, o site, em dezembro de 2013, liderava com 67% de acessos no Brasil.

O ponto de partida de análise é Zuckerberg, que aparece como um jovem tímido e excluído do universo dos clubes e alunos populares de sua universidade. Aparentemente, ele é um jovem comum, se não fosse pelo fato de sua Universidade ser considerada uma das melhores do mundo e ele ser um aluno gênio.

O início do filme reforça a imagem de que o protagonista é um nerd, numa conversa com sua até então namorada, que o deixa sozinho num bar. Não satisfeito, num ato de vingança, ele escreve xingando em seu blog sua ex. Ao mesmo tempo que cria uma plataforma para comparar mulheres.

Um comportamento que reflete uma contrapartida a um ato de humilhação. Entretanto, a diferença é que esse jovem cria uma das maiores invenções tecnológicas do séc XXI: Uma rede social capaz de fazer com que milhões de pessoas, em qualquer lugar do mundo, entrem em contato uma com as outras através de mensagens, fotos, e mais recentemente vídeos.

Uma rede que mudou não apenas a maneira das pessoas se relacionarem, mas todo um contexto sociológico dentro do cotidiano de pessoas por todo o mundo. De acordo estatísticas do Search Engine Journal (SEJ), 89% dos usuários de internet, na faixa dos 18 aos 29 anos, usam alguma mídia social. E o Facebook, é o que possui cerca de 1,15 bilhões de usuários no mundo. Sendo que desses, 72 milhões são brasileiros. O país fica em segundo lugar no ranking de usuários, perdendo apenas para a Índia.

Exploração do Material

Segundo a pesquisa O Sonho Brasileiro, o maior sonho individual dos jovens brasileiros é a formação profissional e o emprego (55%), sendo que desses, 24% esperam pela profissão dos sonhos. Assim como cursar uma faculdade, que é almejado por 77% desses jovens.

O trabalho é cada vez menos visto como necessidade, e cada vez mais como elemento de realização e expressão. Os exemplos profissionais mais admirados são aqueles que conseguem aliar as duas coisas. Uma não menos importante que a outra. Ambas integradas.” (O SONHO BRASILEIRO, 2011)

Mark Zuckerberg é a representação desse sonho: um jovem inteligente, que cursa uma boa universidade e, ainda, tem uma ideia que dá certo. O fato dele ter realizado ações de desrespeito – com a sua ex – e de certa forma, roubado a ideia do site universitário que o chamou para trabalhar, é esquecida diante do seu sucesso e ele se torna um ícone a ser seguido e respeitado.

Um jovem que, resumidamente, trabalha feliz. Pois criou uma empresa multimilionária de acordo com seus gostos pessoais que foi recebida de braços abertos pelo mundo. Um jovem que tem dificuldade em se relacionar. Após levar um fora de sua namorada, mesmo ainda gostando dela, pensa apenas em se vingar para de certa forma manchar a imagem de sua ex. E isso acontece não apenas com ela, mas com todas as mulheres da sua universidade, devido a criação de um site, anterior ao Facebook.

Duas cenas são importantes para a reflexão do filme: a primeira, quando Mark se reencontra com Erica, sua ex, e ela diz “A internet não escreve a lápis”, referindo-se a plataforma que Mark criou para comparar mulheres e em todos os seus xingamentos à ela em seu blog pessoal. Uma maneira de dizer que o mundo virtual

não é um local onde se pode despejar todas as frustrações pessoais, ameaçar ou ofender pessoas sem que se sofra penalizações por causa desse ato.

E a segunda, a última cena do filme, em que o solitário Zuckerberg aguarda para ser amigo da ex namorada Erica em seu próprio site, o Facebook. É interessante que o criador do maior site de relacionamentos do mundo apareça assim, quase que incapaz de estabelecer conexão afetiva com alguém. A não ser que seja online.

É a demonstração da realidade da sociedade contemporânea, cada vez mais conectada ao mundo virtual, um lugar onde tudo é mais fácil e simples de se fazer, até mesmo as amizades.

Há ainda alguns aspectos que podem ser mencionados como importantes para a estética do filme, a fotografia, por exemplo, de Jeff Cronenweth, trabalha com tons azulados e acinzentados, que ajudam a representar a frieza do protagonista. Assim como a profundidade de campo reduzida, simulando o desinteresse de Mark do que acontece ao seu redor.

Os movimentos de câmera, são, em sua maioria, discretos e com planos simétricos, para demonstrar a maneira racional com que Zuckerberg pensa e age. Se confirmando através das linhas retas dos prédios de Harvard, que são mostrados em diversos planos.

Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Rede Social é um filme atual. Mark Zuckerberg é o retrato de uma geração que sonha em trabalhar com o que gosta e se isso vier junto de uma boa quantia de dinheiro, melhor será.

Mas o protagonista vai muito além dessa interpretação. Como pode um jovem solitário, tímido e com dificuldades nos seus relacionamentos criar a maior rede de relacionamentos do planeta? O Facebook foi, para Mark, uma maneira de colocar suas aflições e desejos dentro de uma ferramenta online. Uma maneira de saber dos outros o que ele não teria coragem de perguntar.

E hoje, é impossível falar de juventude sem falar de redes sociais. É o meio pelo qual os jovens socializam. Entretanto, cria-se um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que as redes servem para aproximar as pessoas distantes e reencontrar amigos antigos, também servem com um impasse para o encontro real, fazendo com que a tela do computador seja suficiente.

Proibido Proibir

É Proibido Proibir é um filme que desloca o olhar para a juventude brasileira, curiosa e com muitos desejos para a vida. Paulo (Caio Blat) é um estudante de medicina, cínico e mulherengo, movido a maconha, ácido e sexo, para quem o sentido da vida se resume a

drogas e diversão. Enquanto Leon (Alexandre Rodrigues) é um estudante de ciências sociais que realiza um trabalho social para tirar crianças da rua com a ajuda do futebol. Os dois acabam se apaixonando por Letícia (Maria Flor), estudante de arquitetura, simpática, sonhadora e de classe média, diferente dos rapazes que estão sempre contando as moedas para pagar o aluguel.

O trio se envolve na história de Rosalina (Edyr Duqui), uma paciente terminal do Hospital Universitário que deseja rever os filhos que não vê há tempos. No envolvimento com essa história, o descompromisso e o cinismo de Paulo entram em xeque, fazendo com que ele se torne confidente da paciente. Ao descobrir que um dos filhos de Rosalina está morto e o outro, Cacauzinho, (Adriano de Jesus), está sendo procurado por policiais, ele e a sonhadora Letícia, procuram maneiras de ajudar o menino. O que acaba resultando num ferimento em Leon durante um tiroteio com a Polícia. E é nessa hora que a situação se inverte: Cacauzinho está morto e o procurado agora é Leon, que fugiu das balas dos policiais.

Paralelamente a isso, o filme retrata três jovens que buscam algo para suas vidas. Leon e Letícia são idealistas, acreditam no amor e no poder de mudança através da união dos jovens. Enquanto Paulo pensa que tudo isso não passa de uma besteira e estuda medicina para entender a morte.

Exploração do Material

Conforme a pesquisa O Sonho Brasileiro, os sonhos para o Brasil dos jovens dessa geração se dividem em sonhos de reparação e realização. Sendo os de reparação: 18% menos violência + 13% menos corrupção, totalizando 31% de respeito e cidadania. Enquanto os de realização: 10% emprego + 10% igualdade + 8% educação, totalizando 28% de oportunidade para todos.

O filme fala de amor e política, trazendo a violência urbana escancarada e insuperável diante das pessoas comuns. E o que mais assusta e incomoda os personagens do filme é a sua incapacidade de fazer algo para mudar essa realidade, justamente um dos sonhos dos jovens para o país, segundo a pesquisa O Sonho Brasileiro.

Ainda segundo a pesquisa, foi constatado que os jovens hoje não apenas apontam problemas, mas pensam em como resolvê-los. No filme, há dois exemplos claros disso:

Leon, que trabalha junto com uma colega de sala num projeto para tirar crianças da rua através do futebol. E o trio de amigos que pensam em como acabar com a situação de Cacauzinho, mas acabam invertendo a situação para o próprio lado.

Alguns aspectos estéticos são importantes para a significação do filme, que se divide em ficcional e documental, ficando claro no momento em que Leon e Rita entrevistam moradores de favelas que realmente se parecem com os personagens representados.

Na cena em que Cacauzinho morre há um forte apelo dramático no enquadramento utilizado, que reforça o seu olhar, enquanto ainda há vida, para a câmera. A trilha musical é adequada e colabora para os pontos emocionantes da narrativa.

É interessante observar a cidade do Rio de Janeiro como um personagem, no qual Letícia desabafa “Todo mundo ama o Rio, mas ninguém cuida dele”, após observar fotos da cidade suja e descuidada. Como uma metáfora das ruínas governamentais e uma falência do poder público perante as necessidades da “cidade maravilhosa”.

Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

35% da geração dos jovens de hoje são sonhadores, segundo dados da pesquisa O Sonho Brasileiro (2011). Proibido Proibir tem um final em aberto, no qual os personagens terminam com uma ponta de esperança, após descobrirem, num velho mirante abandonado na serra, que o Rio de Janeiro ainda é um lugar muito bonito. E também pela decisão de voltar e continuar a vida, de Leon, que está fugindo dos policiais que mataram os filhos de Rosalina.

Ainda assim, os jovens representam uma classe média apavorada e agoniada ao reconhecer os problemas da violência urbana e não tendo o poder de fazer nada. É também como um rito de passagem para a fase adulta desses jovens.

A forma de retratar as mudanças sociais foram se alterando ao mesmo tempo em que transformações sociais aconteceram. Segundo Costa, o cinema possibilita e permite ao espectador visualizar as constantes e rápidas transformações dos espaços:

O enfoque no contexto cinemático como representação e suporte para a análise dos grupos culturais e do cotidiano dos indivíduos participantes desses grupos nos espaços urbanos tornou-se primordial para o entendimento dos modos, da coerência e do sentido pelos quais

vivências, comportamentos, identidades, subjetividades e práticas socioculturais vêm sendo constituídos, entendidos e reelaborados espacialmente e subjetivamente. (COSTA, 2009, p.110)

Atualmente, o espectador jovem tem um olhar diferente, é uma pessoa em contato com variados meios de comunicação, incluindo os digitais e tem uma maior capacidade de percepção. Segundo indicadores sociais do IBGE de 2010, a faixa etária entre 15 e 29 anos no Brasil soma 51,340 milhões de habitantes, ou 27% do total. Contra a maior parte da população, 53,164 milhões, da faixa entre 30 a 49 anos. Um número bastante expressivo, que faz com que grande parte dos produtos culturais faça referência à juventude, direta ou indiretamente.

Os filmes hollywoodianos, tão distantes da realidade vivida por grande parte dos jovens brasileiros, são as produções mais vistas no país. Entretanto, alguns filmes brasileiros, quando também se distanciam dessa realidade, conquistam um maior público, como é o caso de *As Melhores Coisas do Mundo* (Laís Bodansky, 2010). No filme, o mundo dos adolescentes é o mundo da classe média e alta paulistana, com problemas bem menores quando comparados ao universo de filmes como *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2010) e *Proibido Proibir* (Jorge Durán, 2006), que já tratam de uma classe mais baixa da população.

Após analisar os dois filmes propostos na pesquisa, é notável o distanciamento do jovem universitário representado pelo cinema hollywoodiano em *A Rede Social* e pelo cinema brasileiro em *Proibido Proibir*. Os dois filmes tem realidades distintas e personagens distantes. O bem sucedido empresário de *A Rede Social* não conhece a realidade de uma favela, como a mostrada no filme de Jorge Durán. Assim como os estudantes de *Proibido Proibir* estão longe de estudar numa das melhores universidades do mundo, Harvard.

Os jovens de *Proibido Proibir* ainda não sabem exatamente o que buscam e nem estão muito preocupados em descobrir, enquanto Mark Zuckerberg já define o seu futuro bilionário ainda na faculdade. É como se no filme de Durán os estudantes não tivessem tantos planos concretos para o futuro, nem pensamentos de trilhar uma brilhante carreira profissional começando já pela universidade. São estudantes que estão vivendo a vida segundo o que ela lhes oferece. São retratos da juventude brasileira que mora longe de casa, estuda numa

universidade federal, divide o apartamento e não precisa fazer muito mais do que isso para sobreviver.

Diferente do jovem do filme de Fincher, que além de estar numa das melhores universidades do planeta, tem a obrigação de ser um bom aluno e pensar, ou construir algo novo, como o próprio diretor da Universidade diz, em uma cena do filme.

Considerações finais

O jovem brasileiro é um jovem sonhador. Isso não significa que ele não tem os pés no chão. A pesquisa O Sonho Brasileiro já evidenciou que a juventude atual sabe muito bem os seus limites e mesmo assim, não tem medo de tentar ultrapassá-los.

O cinema nacional, em sua maioria, leva para as telas um jovem problemático, morador das favelas brasileiras e com dificuldades para construir a própria vida. Mas esse mesmo jovem tem um espírito leve e persistente, e nenhum problema tira o sorriso da cara quando pensa, com esperança, em um futuro melhor, como mostrado na última cena de Proibido Proibir (Jorge Durán, 2006).

Diferente de quando se fala em Hollywood, na qual o jovem vive situações inusitadas e praticamente impossíveis de serem alcançadas por um estudante comum. A juventude representada por ele é o momento ou para ter uma ideia genial e tornar-se rico, como no caso da A Rede Social (David Fincher, 2010), ou para se divertir nas repúblicas das melhores universidades do país. Os jovens que precisam batalhar por algo, geralmente conseguem sem muitas dificuldades, e quando isso acontece, todos acabam felizes para sempre.

O interessante é que os filmes mais vistos pelos jovens no Brasil são as grandes produções de fora. O cinema nacional consegue um maior público quando trabalha com assuntos mais leves, como no caso de Se eu fosse você (Daniel Filho, 2006), quando trabalha com biografias, 2 Filhos de Francisco (Breno silveira, 2005), quando pega no ponto fraco dos problemas do país de uma maneira inteligente, Tropa de Elite (José Padilha, 2007), Cidade de Deus (Fernando Meirelles, 2002), ou, quando se aproxima de produções hollywoodianas com relação ao distanciamento da realidade, como em A Mulher Invisível (Cláudio Torres, 2009), por exemplo.

Ao considerar que o público jovem é a farta audiência de filmes em salas de cinema, talvez o jovem brasileiro faça desse meio audiovisual uma forma de evasão da realidade. E o cinema, com suas infinidades de visões e leituras, apresenta-se com uma dinâmica plural, imprecisa e difusa sobre o jovem.

Referências

BORELLI, Silvia. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008

CARRANO, Paulo. FÁVERO, Osmar. PONTER SPÓSITO, Marília. REYS NOVAES, Regina. **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

CHARNEY, LEO; SCHWARTZ, Vanessa. (Org.). **O Cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

DE SOUZA ROSSINI, Miriam. **O cinema da busca: discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90**. Porto Alegre: UNISINOS, 2005.

FONSECA JUNIOR, W.C. **Análise de conteúdo**. In DUARTE, J; BARROS, A (org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p.280 – 304.

GARCIA CANCLINI, N. **Consumidores e Cidadãos — conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

NOGUEIRA, Lisandro. **Central do Brasil e o melodrama**. In: In: RAMOS, Fernão Pessoa, et al.(orgs.) Estudos de Cinema 2000- SOCINE.

NORONHA, Danielle. **Filmes brasileiros com temática jovem tentam atrair**

adolescentes ao cinemas. São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2009/09/05/ult4332u1253.jhtm> Acesso em 09 de janeiro de 2014.

O SONHO BRASILEIRO. Disponível em:

<http://pesquisa.oshonhobrasileiro.com.br/indexi2.php?id=614>. Acesso em: 12 abr.2013.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

VANOYE, Francis; L'ÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.